

OS TRAJETOS, AS IMAGENS, A POÉTICA: CONECTANDO DESLOCAMENTOS AUTOFORMATIVOS E FOTO/SÍNTESES DO PENSAR

THE PATHS, THE IMAGES, THE POETIC: CONECTING SELF-FORMATION JOURNEYS AND PHOTO/SYNTHESIS OF THE THINKING

Cláudia Mariza Mattos Brandão / UFPel
Paulo Bernardino Bastos/ Universidade de Aveiro, Portugal

RESUMO

O artigo aborda processos artísticos desenvolvidos como proposta de estágio pós-doutoral (Aveiro, Portugal), discutindo sobre o pensar e a pesquisa em artes balizados pelo andar como um ato cognitivo e criativo, capaz de transformar simbólica e fisicamente o espaço antrópico. Deambular e se perder na cidade sempre se mostrou uma ação importante entre a comunidade de artistas, que têm a cidade como principal objeto de estudo. Sendo assim, o caminhar no processo de investigação e criação artística é norteador das discussões, explorando conceitos como a deriva e o nomadismo urbano. A elaboração de um estudo afetivo do meio urbano, pelo viés de um olhar *flâneur*, como apresentado na obra SÍ.NO.DO, transgride a lógica cartográfica dos trajetos citadinos, recriados posteriormente através da estética fotográfica.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Caminhar; Arte Contemporânea; SÍ.NO.DO; Formação Experiencial.

ABSTRACT

The article tackles artistic process developed as a proposition for the postdoctoral internship (Aveiro, Portugal), discussing about the thinking and the research in arts marked by walking as a cognitive and creative act, capable of symbolically and physically transforming the anthropical space. To wander and to get lost in the city has always been an action among the community of artists that have the city itself as their main object of study. Therefore, walking during the process of research and artistic creation is the guiding force behind the discussions exploring concepts, such as drift and urban nomadism. The elaboration of an affective study of the urban environment, through the flâneur look as presented in the work SÍ.NO.DO, transgresses the cartographic logic of the city routes that were recreated later through photographic aesthetics.

KEYWORDS

Photography; Walk; Contemporary Art; SÍ.NO.DO; Experiential formation.

Introdução

Fotografia e espaço, memória e cidade, imaginário e criação artística, são as linhas que orientam as reflexões que compõem esse texto. Assim como num palimpsesto alegórico, do ser em seu permanente processo autoformativo, as camadas vão sendo retiradas para que possamos discutir acerca de processos criativos conectados à formação humana, à busca incessante do descobrir quem somos. Não se trata aqui de cotejar qualquer resposta definitiva. Ao contrário, a reflexão resulta de uma experiência singular que não se encerra com esse texto, que é o primeiro gesto na direção de algo que somente se revelará com o passar do tempo. Refiro-me à experiência proporcionada por estudos de pós-doutoramento, sob a supervisão do Prof. Dr. Paulo Bernardino Bastos, do Departamento de Comunicação e Arte (DECA), da Universidade de Aveiro (UA), Portugal.

Tempo ... esse é, com certeza, o eixo transversal desta *graphia*. E é difícil entrelaçar em poucas páginas as reverberações dos diferentes tempos condensados pela experiência, concretizada num fazer artístico balizado pelo vivido. Seja o tempo do calendário, a lembrar constantemente de que tudo estava por terminar; o da reflexão, que as vezes parecia infinito; o do fotográfico, a confundir equipamento, olhar, pensar, relacionar, aprender, lembrar; e o tempo de ser em situação, dedicado a longas caminhadas, a deambulações em busca do que viesse, daquilo que surpreendesse o olhar, que mobilizasse o ser, sedento por desvelar detalhes encobertos pelo tempo da história, todos imbricados num misto de arte e vida. E não poderia ser diferente. (Re)Conhecer a cidade de Aveiro, ao mesmo tempo estranha e familiar, expôs a complexidade das origens históricas de seu povo, ações sociais, políticas, de práticas e transformações que compõem a sua cultura e dinâmicas particulares, e as da minha própria vida/formação.

Na busca por dar visibilidade aos estranhamentos, que estão sendo entranhados e dados novamente ao olhar através da poética das imagens fotográficas, elas são organizadas em discursos visuais, com a atribuição de um sentido maior para além

do visto. Trata-se, portanto, de neste artigo argumentar sobre processos artísticos/poéticos autoformadores de uma narradora visual que caminha carto/foto/*graphando* inquietações. Alguém que assim como um *flâneur* se desloca da realidade à ficção poética, transgredindo a lógica cartográfica dos trajetos citadinos, recriados posteriormente através da imaginação e da estética, para assim melhor entender a cidade e seus meandros formativos.

A *flânerie* instigando processos artístico autoformadores

Fotografar a paisagem urbana ao deslocar-se em deambulações, para as quais o que importa são os detalhes de caminhos aleatórios, remete às práticas de Charles Baudelaire, poeta modernista, para quem a inspiração surgia a partir da experiência em captar “aparições casuais nas ruas” (COLI, 2005, p. 295). E assim surge o personagem *flâneur* “que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes” (BENJAMIN, 1989, p. 35), pois para ele:

Os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. (id., p. 35).

Além disso, ele “separa as coisas, faz uma seleção inteligente; procede como um avaro com seu tesouro e se detém no entulho” (id., p. 78). Nesse sentido, outro fator a ser destacado, quando se apela às “errâncias urbanas”, é o conceito de deriva (DEBORD, 2005), trazido a partir do grupo “Internacional Situacionista” (IS)¹. O IS inicialmente se originou do grupo majoritariamente francês “Internacional Letrista”, e, em determinado momento, se uniu ao “London Psychogeographical Association (LPA)” e ao grupo “Cobra”, incluindo artistas, ativistas políticos e filósofos, entre eles o francês Guy Debord e o belga Raoul Vaneigem. Os situacionistas, através de suas derivas, desenhavam mapas que ilustravam suas percepções subjetivas dos espaços urbanos.

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos; BASTOS, Paulo Bernardino. Os trajetos, as imagens, a poética: conectando deslocamentos autoformativos e foto/sínteses do pensar, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 930-944.

Aproximar as minhas práticas das de um *flâneur*, andando à deriva, durante os três meses em que vivi em Portugal, ganham mais sentido quando particularmente pondero acerca das referências aos “muros considerados escrivatinhas” e ao foco nos “entulhos”. E digo isso, pois foram os muros, ou melhor, as escritas urbanas, que logo chamaram a minha atenção na primeira caminhada de reconhecimento do espaço (Figura 1).



Figura 1. Brandão, Cláudia – Sem título, 2019. Fotografia. Fonte: Acervo da pesquisadora.

Desde as minhas primeiras pesquisas sobre as relações entre cidadãos e cidade, na década de 1990, muita coisa mudou. Na época eram os mapas impressos que orientavam o deslocamento no espaço, hoje substituídos pelo GPS e por aplicativos como o Google Maps, por exemplo. Entretanto, sempre me (des)orientei pelos muros: mesmo tentando manter uma lógica cartográfica nos trajetos, sempre desistia deles muito rápido. E em Aveiro não foi diferente.

Intimada pelo escrito que aparece na Figura 1, segui meus (des)caminhos procurando descobrir a cidade através dessas manifestações anônimas e seus silenciamentos. Tais escritas, genericamente chamadas “pixo”, são desprezadas por uma parcela significativa da população, independente do país, e punidas pela lei.

Entretanto, elas se impõem ao olhar curioso daquelas/les que, assim como eu, tem como hábito observar o espaço urbano, em particular seus muros e paredes, com suas *graphias* desobedientes e provocadoras.

Em síntese, eu estava decidida a não olhar a cidade de modo ordinário, procurando me distanciar de um olhar “do hábito, que caleja a percepção” (COLI, 2005, p. 295). E assim, como uma observadora atenta, com um olhar *flâneur*, busquei a construção da memória a partir do infraordinário que a mim se apresentava.

Andando sem destino pela cidade de Aveiro, cada vez mais me afastando de seus indícios espetaculares (DEBORD, 2005), segui perambulando em busca dos detalhes, me aproximando do espaço e suas afetividades, sem ser guiada pelas indicações turísticas que visam o seu consumo como produto. Estava interessada em compreender as “impressões misteriosas” (COLI, 2005, p. 295) sobre ela, e passei a balizar-me por suas escritas urbanas e seus personagens. Determinada a elaborar um estudo afetivo daquele meio urbano, assumi (mais uma vez) o andar como um ato cognitivo e criativo, capaz de transformar simbólica e fisicamente tanto o espaço natural como o antrópico, potencializando o pensar e a pesquisa em artes (CARERI, 2013).

Consideramos importante mencionar que vários autores, assim como Francesco Careri (2013)², discutem sobre como, ao longo dos anos, o caminhar como experiência é explorado por diversos artistas e teóricos, quando não artística, minimamente como quebra de paradigma para novas percepções espaciais, gerando novos pontos de debate sobre as ambiências cidadinas.

Corroborando com tais ideias, a partir do pensamento bachelardiano é possível percebermos o espaço, em especial a paisagem urbana, como uma construção simbólica que frutifica dos modos subjetivos de ver (BACHELARD, 1993). Portanto, apreender o espaço, está mais para o plano simbólico do que para o real observado. E é nesse universo de interferências dos seres humanos sobre o espaço, construindo e reconstruindo a paisagem, que reside a amplitude do que abarcam:

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos; BASTOS, Paulo Bernardino. Os trajetos, as imagens, a poética: conectando deslocamentos autoformativos e foto/sínteses do pensar, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 930-944.

Os símbolos que vemos na rua e nas paredes não estão em caso algum desvinculados do tempo a que dizem respeito. Quer seja sobre as ideias políticas, quer do que se entende como estético ou dos objectivos que se perseguem no momento, esses símbolos dão-nos, com frequência, uma solução, antes de que aquilo que representam se transforme em bem comum da cultura oficial. (STAHL, 2009, p. 8).

Norteadada por tais ideias, nas deambulações que se seguiram à captura da primeira imagem apresentada, me deparei com o personagem que passaria a “perseguir” durante os meses em que lá estive.

Desde então, *Synod* (Figura 2) passou a ser uma marca a encontrar e registrar ao longo da minha estada. E o resultado artístico dessa experiência/busca surgiu do exercício da imaginação, possibilitando a criação de um mapa afetivo inspirado na cidade real. “A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade” (BACHELARD, 1993, p. 18), sendo assim, *SÍ.NO.DO*, a primeira obra resultante das *flâneries*, é um misto de espelho e ilusão da cidade original, num gesto de elogio ao cotidiano, no qual o exercício da liberdade do caminhar se tornou um exercício autoformador.



Figura 2. Brandão, Cláudia – Sem título, 2019. Fotografia. Fonte: Acervo da pesquisadora.

Do visto a suas possibilidades de (re)leitura

Ao caminhar, construindo a pesquisa em artes, vislumbramos modos diversos de vivenciá-la, que exigem de nós reflexões e escolhas constantes. O sociólogo Boaventura de Sousa Santos (1991) afirma que todo o conhecimento é autoconhecimento, reforçando a ideia de que os trajetos nos levam, antes de qualquer coisa, a nós mesmos. Isso, pois somos nós quem os percorremos com nossos próprios sentidos e concepções, sendo que durante o percurso vamos conhecendo-nos, tanto quanto ao objeto pesquisado. No mesmo sentido, Marie-Christine Josso (2004) argumenta sobre a vida balizada por *momentos charneiras* impulsionando processos autoformativos aliados ao exercício da memória.

Hoje, revendo a jornada em Aveiro, identifico-a como um “momento charneira”, como diria Josso, pois ele representa uma passagem entre etapas de vida, no qual o “sujeito confronta-se consigo mesmo, em virtude de a descontinuidade que vive a impor-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas” (JOSSO, 1988, p.44). E assim, me aproximo de um dos conceitos-chave da autora, ou seja, a “formação experiencial”, aquela que se concretiza através da reflexão crítica sobre as próprias ações, apontando possíveis direções para a efetivação de uma pesquisa em artes aliada à autoformação:

Começamos a perceber que o que faz a experiência formadora é uma aprendizagem que articula hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros. (...) que servem para descrever e compreender a si mesmo no seu ambiente natural. (JOSSO, 2004, p. 39).

Tais processos representativos não são miméticos, são, sim, instituidores de realidades, num movimento de deslocamento do sujeito representador a sujeito da representação. Em síntese, é possível afirmar que são representações manifestadas como *graphias de si*, resultantes da busca pelos referenciais que possibilitam

reinterpretar a vida e a própria identidade, vinculando significativamente imagens fotográficas, arte e vida.

Num mundo no qual realidade e virtualidade/ficção se fundem, a fotografia assumiu um papel de destaque ímpar. Sobre o assunto Annateresa Fabris (2009, p. 201) destaca que atualmente “a imagem deixa de ser o antigo objeto óptico do olhar para converter-se em *imagerie* (produção de imagens)”, referindo-se às transformações provocadas pelas novas tecnologias. Sobre o antigo estatuto da fotografia, Arlindo Machado (2015, p. 13) acrescenta:

O que chamamos aqui “ilusão especular” nada é senão um conjunto de arquétipos e convenções historicamente formados que permitiram florescer e suportar essa vontade de colecionar simulacros ou espelhos do mundo, para lhes atribuir um poder revelador. A fotografia em particular, desde os primórdios de sua prática, tem sido conhecida como “espelho do mundo”, só que um espelho dotado de memória.

A partir das considerações desses dois autores, podemos concluir que graças ao desenvolvimento tecnológico a imagem fotográfica se desloca da condição de “espelho do mundo” para *imagerie*, estando mais relacionada ao impacto de sua visibilidade cultural do que propriamente à representação visível de algum objeto ou situação. Além disso, é possível acrescentar que no contexto de relações que caracterizam a “anestesia da criatividade imaginária”, problematizada por Gilbert Durand (2000, p. 36), a imagem fotográfica está presente e plenamente integrada em praticamente todas as esferas da vida em sociedade, desde as que permeiam os espaços de circulação, assim como as que pertencem à documentação pessoal de cada pessoa. Tal conjuntura nos convoca a refletir sobre a fotografia como um recurso de representação das pessoas e dos seus percursos (auto)biográficos (JOSSO, 2004), e, principalmente, de criação e acumulação de conhecimentos produzidos sobre os sujeitos/fotógrafos e seus imaginários.

Munida de tais convicções, a minha postura visou, antes de tudo, a descoberta do espaço de Aveiro e vizinhanças, caminhando e registrando as experiências através

de diferentes meios, principalmente o fotográfico, para angariar os dados/imagens que me possibilitariam posteriormente recompor em narrativa visual a experiência e suas reverberações subjetivas, conhecendo para reconhecer-me. Isso, pois fotografar a urbe, explorando o seu tecido urbano de forma espontânea e vivenciada, como possibilita a *carto/foto/graphia* (BRANDÃO, 2015), colabora para a compreensão da cidade histórica, cultural e social.

Diferente da prática da cartografia (KASTRUP, 2009), a *carto/foto/graphia* busca fixar/transmitir em imagens/sínteses simbólicas o vivido. Imagens essas, que nos permitem ler nas entrelinhas das (re)apresentações do mundo, detalhes que muitas vezes passam despercebidos devido à aceleração das relações cotidianas. Esse é um método que não reconhece o espaço como uma categoria física ou matemática, mas, sim, como lugar da experiência e da emoção, e que pode ser reconstituído simbolicamente em imagens. Sendo assim, num mundo permeado por imagens, são as próprias imagens que servem como testemunho e discurso sobre a realidade que se quer problematizar, posto que “o olho apreende mais depressa do que a mão desenha” (BENJAMIN, 1994, p. 167).

Consideramos que a aceleração na reprodução das imagens fez com que elas cada vez mais se colocassem no mesmo nível da expressão verbal, dando visibilidade a outros modos de dizer, que fogem da esfera do verbal. A partir de tal compreensão, a “leitura visual” pode ser entendida como a apreensão do(s) sentido(s) de uma imagem/situação visível pelo espectador, que assim como qualquer tipo de leitura, está conectada a fatores subjetivos, psicológicos e sociais. Logo, a compreensão dos textos visuais, não-verbais, envolve a capacidade dos indivíduos de apropriarem-se do mundo ao redor, de seus valores e modos de expressão, significando-o, pois “o texto não-verbal é uma experiência cotidiana; a leitura não-verbal é uma inferência sobre essa experiência” (FERRARA, 1986, p. 13). Portanto, entendendo a imagem fotográfica como um texto não-verbal, as imagens produzidas durante a pesquisa também são consideradas assim como escritas/depoimentos acerca do vivido.

In process na arte e na vida



Figura 3. Sírtoli, Guilherme – SÍ.NO.DO, 2019. Fotografia. Fonte: Acervo da pesquisa.

Tendo como *corpus* principal a cidade de Aveiro, SÍ.NO.DO (Figura 3) é uma montagem fotográfica, formada por 35 imagens dispostas numa linha horizontal, com 18 x 566 cm, que explora uma poética em que o olhar transeunte sobre o espaço urbano e seus passantes prevalece. Nela, registros fotográficos de escritas urbanas, a tag *Synod* especificamente, são organizados como uma crônica visual narrativa, estabelecendo um percurso imaginário na cidade, reelaborada como um discurso visual poético acerca da experiência, da percepção sobre o vivido e suas reverberações autoformadoras.

A obra foi apresentada nesse formato na exposição coletiva “espaçotraçotempo”, em junho do corrente ano, realizada no Museu de Aveiro/Santa Joana, que ocupa o prédio histórico do antigo Convento de Jesus da Ordem Dominicana Feminina. Interessante destacar, que a “sujeira” registrada e apresentada aos espectadores contrastou com a austeridade e imponência da arquitetura do antigo claustro, onde a

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos; BASTOS, Paulo Bernardino. Os trajetos, as imagens, a poética: conectando deslocamentos autoformativos e foto/sínteses do pensar, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 930-944.

obra foi instalada. Em SÍ.NO.DO dois elementos se destacam: o tamanho das imagens, relativamente pequenas em comparação às dimensões do prédio, a exigir uma maior atenção dos espectadores aos detalhes; e a repetição da tag em todas as imagens, como uma atitude para chamar a atenção para algo que a sociedade geralmente rechaça, o pixo, assim como o fazem os pixadores nos muros da cidade.

Essa é uma obra em processo, pois depois de sua elaboração contabilizo 37 outras imagens, que em sua próxima montagem serão acrescentadas ao conjunto existente. Isso, sem contar os registros feitos da mesma tag em outras cidades portuguesas, como Lisboa, Braga, Porto e Águeda. Logo, o fato de não estar definitivamente concluída demonstra simbolicamente a própria processualidade do vivido.

Como proposta de pesquisa junto ao Programa de Criação Artística Contemporânea, da área de Estudos de Arte, da Universidade de Aveiro, venho desenvolvendo um conjunto de séries, cujo início se deu com SÍ.NO.DO, através das quais eu exercito as inúmeras possibilidades da fotografia, e dela como pensamento para o desenho, a pintura, a colagem e o vídeo. Isso, na consideração de que se pensar a experiência do fotográfico no âmbito da arte reside na possibilidade de se refletir acerca da discursividade visual fotográfica. Ou seja, avalio que o exercício da fotografia pode ter como resultado algo assim como um *sketchbook*, que talvez possamos chamar de *sketchphoto*, destacando a questão da narrativa e da produção de sentido para a experiência de ordenamento do visível, como mediação de nossas relações com o mundo através da imagem.

Por isso, a leitura desses textos não-verbais cria um certo sentido, a partir do contexto específico registrado, reorganizados a partir de proximidades surgidas por questões estéticas e afetivas dos trajetos. Diferente dos resultados de uma cartografia normativa, os da prática da *carto/foto/graphia* implicam decisões estéticas, reflexões sobre afecções e afetividades surgidas nos diferentes trajetos, posteriormente relacionados discursivamente.

Caminhar sem pressa pelas ruas, percebendo cada detalhe e, conseqüentemente, acompanhando as transformações cotidianas que permeiam as ruas, era a proposta. Sem estar inserida no cenário, distanciada como um *flâneur*, sem destino certo, sem ser notada, busquei perambular com a atenção desperta, mantendo uma atitude crítica, na tentativa de compreender, sistematizar e produzir conhecimentos sobre a produção e circulação de imagens na contemporaneidade, especialmente em Portugal. Isso, com vistas à união reflexiva entre pensamentos, imagens, documentos e acontecimentos, para a elaboração de produções artísticas, numa perspectiva de hibridização de linguagens, problematizando questões de representação e narratividade como forma de pensamento sensível *no* mundo e não apenas *sobre* o mundo.

Cotejando algumas considerações finais

O vocábulo inglês *Synod* traduz-se como Sínodo em português, que, por sua vez, quer dizer “caminhar juntos”, como por exemplo num sínodo diocesano, uma assembleia de eclesiásticos e leigos “convocados pelo seu prelado ou outro superior”, reunidos com o propósito de “caminhar juntos”, seguindo um determinado plano (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).

Estará o pixador *Synod* nos convocando a “caminhar juntos”, seguindo um plano de povoar com *tags* as ruas de Aveiro? Será que a auréola que coloca sobre a escrita é uma referência ao caráter “religioso” da escrita, ou à religiosidade dos aveirenses, ou um simples elemento gráfico que compõe a escrita?

Muitas são as perguntas que venho me fazendo sobre esse personagem, do qual só conheço a caligrafia de sua escrita urbana. O que sei é que ele transita muito por Aveiro, não costuma pixar o patrimônio histórico mais relevante, e seu território predileto de atuação são as zonas menos “nobres”. Sei também que ele viaja por Portugal, que conhece Lisboa - onde deve ter andado de metrô, transitando pelas cercanias do belíssimo Teatro Nacional São Carlos -, além de Braga, Águeda e Porto, sendo que nas duas últimas interferiu mais vezes na paisagem urbana.

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos; BASTOS, Paulo Bernardino. Os trajetos, as imagens, a poética: conectando deslocamentos autoformativos e foto/sínteses do pensar, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 930-944.

Entretanto, o que tenho certeza, é que sem a sua (des)orientação eu não teria experienciado Aveiro como o fiz.

A “minha” Aveiro é uma cidade que pulsa para além de sua Ria (fantástica), da cultura dos Moliceiros (muito machista pelo que identifiquei através das pinturas nos barcos), da beleza e riqueza de suas igrejas (cuja profusão de ouro em seus adornos me levam a pensar sobre a exploração das riquezas brasileiras nos tempos coloniais), da religiosidade de seu povo (que acena à religiosidade católica brasileira e suas tradições), da beleza de seus azulejos, da receptividade e carinho com o qual fui recebida por todos. Eu a vejo também como um espaço complexo, de conflitos e silenciamentos, de vozes que clamam por atenção e querem se sublevar aos diferentes idiomas que se escuta pelas ruas, seja vindo dos inúmeros grupos de turistas que permanentemente transitam pelo seu centro histórico, ou do significativo número de estudantes que a habitam, atraídos pela reconhecida Universidade de Aveiro, a receptiva UA. Essas são questões que estou a processar e que impulsionarão as próximas obras, porém, tudo começou com *Synod*, e a ele sou grata.

A elaboração do mapa afetivo apresentado em SÍ.NO.DO, além da proximidade entre arte e vida que promove, reafirma a importância do olhar *flâneur* e da deriva urbana instigando processos artísticos que buscam problematizar o habitar espaços urbanos na contemporaneidade. Revelando o que muitas vezes fica “invisível” na cidade, suprimido da percepção dos transeuntes e de seus olhares alienados pela dinâmica da vida cotidiana, tal experiência pode desvelar o ser em seu contínuo processo de construção.

Modificando os significados dos espaços atravessados, caminhar, deambular, como prática estética também permite a resignificação do espaço urbano a partir também da construção de situações de experimentação lúdica dos ambientes. Mais que tudo, a experiência em Aveiro reitera em nós a certeza dos impactos (positivos) relevantes sobre a formação do sujeito/pesquisador/a em artes quando se desloca para uma

nova cultura e cidade. E, no caso deste relato, cabe destacar o papel fundamental proporcionado pelo acompanhamento dos projetos desenvolvidos no âmbito do Programa visitado, que estimularam o desenvolvimento de processos estéticos, sensíveis, de reconhecimento e habitação de novos espaços, colaborando para a construção de saberes estéticos, artísticos e pedagógicos que consideram a mediação das imagens em processos pessoais e coletivos de investigação e compreensão dos códigos contemporâneos.

Notas

¹Os motivos de aproximação destes grupos envolviam o estudo das relações entre a arte e a vida cotidiana, sendo essa uma das principais razões que faz os membros da IS se interessarem pelos ambientes citadinos e os aspectos relativos à construção das cidades e suas utilizações (JACQUES, 2003).

²Arquiteto e professor italiano que, em seu livro “Walkscapes - O caminhar como prática estética” (2013), traça uma linha histórica do uso do caminhar desde as civilizações nômades até o seu uso como prática artística, além de narrar as experiências do grupo Stalker do qual é cofundador, Careri, assim como Jacques, também fala da deriva Situacionista e do grupo Fluxus e sua organização de visitas a lugares banais do bairro de Soho com as “Free Flux-Tours” (1976). Cita também o belga, Francis Alÿs, que através de caminhadas que beiram à *performance*, consegue levantar questões políticas através de ações poéticas quase “impotentes”, como nas obras “The Green Line” (Jerusalem, 2004) e “Sometimes Making Something Leads to Nothing”(Mexico City, 1997).

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, v.1. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos; VALENTINI, Rodrigo de Assis Brasil. **CARTO/FOTO/GRAPHANDO AS PRAÇAS**. Artigo. Revista Eletrônica Educação Ambiental em Ação. Número 54, Ano XIV. 2015. Disponível em: <http://revistaea.org/artigo.php?idartigo=2262> Acesso em: 17 jul. 2019.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes – O caminhar como prática estética**. Barcelona: Gustavo Gili, 2014.
- COLI, Jorge. Consciência e heroísmo no mundo moderno. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Poetas que pensaram o mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- Jacques, Paola Berenstein. (2003). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos; BASTOS, Paulo Bernardino. Os trajetos, as imagens, a poética: conectando deslocamentos autoformativos e foto/sínteses do pensar, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 930-944.

DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo**. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/> Acesso em: 29 mar. 2019.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

FABRIS, Annateresa. A IMAGEM HOJE: ENTRE PASSADO E PRESENTE. In: DOMINGUES, Diana (org). **ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA** – Passado, presente e futuro. São Paulo: UNESP, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KASTRUP, Virgínia. PASSOS, Eduardo. ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do Método da Cartografia**. 4º Reimpressão. Editora Sulina, 2015.

MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Especular: Uma Teoria da Fotografia**. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. São Paulo: Cortez, 1991.

STAHL, Johannes. **Street Art**. Alemanha: Ed. H.F. Ullmann, 2009.

Cláudia Mariza Mattos Brandão

Professora e artista visual, curso de Artes Visuais Licenciatura e PPG Mestrado em Artes Visuais, Centro de Artes/UFPel. Pós-Doutorado em Criação Artística Contemporânea (UA, PT, 2019), Doutora em Educação, Mestre em Educação Ambiental e graduada em Artes Visuais. É líder do PHOTOGRAPHEIN - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), pesquisadora da área da Fotografia e das teorias do Imaginário, com ênfase nas narrativas (auto)biográficas poéticas/simbólicas. Contato: attos@vetorial.net

Paulo Bernardino Bastos

Estudos de Arte, PH.D. (ua.pt); Escultura, M.A. (rca.uk). Investigador em artes visuais/plásticas (da prática para a teoria). O seu trabalho interliga vários materiais/disciplinas. Através de metáforas conecta fronteiras físicas e emocionais, construindo espaços com significados múltiplos em diversas comensurações (duas e três dimensões). Participa em vários eventos internacionais como conferencista e como artista. Contato: pbernard@ua.pt